

A CONTRIBUIÇÃO DA CATEQUESE DE ADULTOS NA HISTÓRIA DA EVANGELIZAÇÃO SEGUNDO O DNC

Antonio Ferreira Rodrigues*

Sérgio Nicolau Engeroff**

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de tratar sobre a contribuição da catequese de adultos na história da evangelização, segundo o Diretório Nacional de Catequese (DNC). Quando se fala em catequese de adultos, recorda-se a Igreja primitiva, as primeiras comunidades fundadas pelos apóstolos. A pós-modernidade avançou demasiadamente e a Igreja perdeu de vez a sua visibilidade. Hoje já se fala em hiper-modernidade. Ao contemplar novos horizontes da Igreja, não se obtém boas perspectivas. O que é questionável é a desigualdade que existe dentro da própria Igreja. A catequese hoje tem muitas possibilidades que favorece desenvolver um trabalho com eficácia. O valor da catequese como base da evangelização é indiscutível. No Brasil, desde o início faltou uma maior consistência para essa base. Como faltavam maiores conhecimentos, buscava-se ao longo do ano acentuar os momentos litúrgicos mais importantes, como por exemplo: o Advento, Natal, festa de Reis, Quaresma, Semana Santa, Páscoa, a festa do Divino, festa dos Padroeiros e Cristo Rei. Esses momentos eram vivenciados com muita intensidade. Não é novidade dizer que no Brasil, até o presente momento, a Igreja esteve com suas atenções voltadas para a catequese de crianças. Falta compreender, que se não tiver adultos bem preparados, a catequese continuará com suas deficiências. Portanto, a catequese de adultos é uma prioridade.

Palavras-chaves: Catequese de adultos. Evangelização. Apóstolos. Hipermodernidade.

The Contribution Of The Adult Catechesis In The Evangelization Process According With The Dnc

Abstract: This article aims to address on the contribution of adult catechesis in the history of the evangelization, according to the DNC. When it comes to adult catechesis, remembers the early Church, the first communities founded by the apostles. Postmodernity and Church went too once lost its visibility. Today there is talk of hyper-modernity. The catechesis today has many possibilities to developing a job effectively. Current issues to be reflected. The value of catechesis and evangelization of the base is indisputable. In Brazil, from the beginning lacked a greater consistency to the database. As more knowledge was lacking, looked up over the years to emphasize the most important liturgical moments, such as: Advent, Christmas, the Feast of Kings, Lent, Holy Week, Easter, the feast of the Divine, the feast of Christ the King and Patrons . These moments were experienced with great intensity. Unsurprisingly in Brazil say, until now, been with the Church turned their attention to the catechesis of children. Failure to understand that if you are not well prepared adults, catechesis will continue with its shortcomings. Therefore, the catechesis of adults is a priority.

Keywords: Catechesis for adult people. Evangelization. Apostles. Hypermodernity.

* Acadêmico do Curso de Teologia da Fapas e vigário paroquial em Palotina/PR.

** Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Coordenador da Coordenadoria de Pós-graduação, pesquisa e extensão da Fapas/Santa Maria/RS.

Introdução

Quando se fala em catequese de adultos, recorda-se a Igreja primitiva, as primeiras comunidades fundadas pelos apóstolos. Ali existiu uma verdadeira catequese (caminho ou catecumenato). Os adultos que se sentiam atraídos pelo Cristianismo e davam sinais de conversão iniciavam o catecumenato. Eram três anos de caminhada para poder receber os sacramentos da Iniciação Cristã. Só batizava quando a pessoa estava realmente preparada, convertida e disposta a dar continuidade ao amadurecimento na fé.

Atualmente se faz o inverso: batiza-se para depois converter o batizado; mas na verdade não se converte ninguém. A conversão é algo muito pessoal. Pode ter influência externa, mas a verdadeira conversão vem de dentro e isso acontece quando há uma profunda abertura do coração. Fala-se muito em catequese de adultos, mas ainda é algo solto, fragmentado. Faltam projetos bem elaborados e com flexibilidade de adequação a realidade. Os adultos que tem uma noção de catequese, ainda estão marcados por àquela mentalidade europeia, transmitida na época colonial, imperial e pelo próprio Concílio de Trento.

A catequese de adultos tem como objetivo preparar os seus catequizandos para assumir o seu papel de batizado, sendo verdadeiros discípulos e missionários de Jesus Cristo. É uma pretensão que está longe de ser concretizada. Para Alberto Antoniazzi (1999, p. 201) “a catequese de adultos é uma questão ainda não resolvida na Igreja Católica [...]”. E sem dúvida deve ser um dos horizontes da Igreja. O Concílio Vaticano II, num primeiro momento recebeu críticas e observações por não ter dedicado um documento exclusivamente a catequese. A justificativa foi de que a catequese é como uma seiva que perpassa por todos os documentos e inclusive a própria evangelização.

Diante de tantas opções e dificuldades de evangelizarmos o mundo atual, pergunta-se: a catequese de adultos está preocupada em dar uma nova configuração a evangelização? Ela tem como missão primordial, preparar os catequizandos para assumir definitivamente o seguimento de Jesus Cristo como discípulos e missionários. Partindo da metodologia: ver, julgar e agir, busca-se desenvolver o almejado trabalho.

1 A pós-modernidade e a catequese de adultos

A pós-modernidade avançou demasiadamente e a Igreja perdeu de vez a sua visibilidade. Hoje já se fala em hipermodernidade. E a Igreja continua engatinhando. É verdade que ela deu passos significativos, mas precisa desenvolver-se muito mais. Na

atualidade o que predomina é o consumismo, a produtividade, a competitividade e o descartável. E só é valorizado aquele que mais consome, que produz com rapidez e eficiência. E na Igreja quando se busca organizar uma catequese de adultos confronta-se com inúmeras barreiras.

Ao contemplar os novos horizontes da Igreja, não se obtém boas perspectivas. A Igreja da pós-modernidade é como se fosse um mercado. Aquela que mais investir, que se abrir para o novo terá uma maior procura. Aliás, isso já vem acontecendo há tempo nos grandes centros. As igrejas mais bonitas, mais estruturadas, mais acolhedoras, que tem melhor conforto, bons leitores e as melhores bandas são as mais frequentadas. Os fiéis buscam os melhores ambientes. E estão certos, a segurança e o bem-estar são importantes.

O que é questionável é a desigualdade que existe dentro da própria Igreja. É inadmissível que algumas igrejas tenham tanto, enquanto outras lutem para edificar um simples templo para poder celebrar em comunidade. Não se consegue investir na formação de agentes de pastoral, porque existem outras prioridades. Existe uma certa incoerência, fala-se de igualdade, fraternidade, mas a própria Igreja tem dificuldade de repartir.

Critica-se os governantes, há várias denúncias contra a corrupção e má distribuição de renda. É louvável que se tenha um senso crítico quando se trata da política. Mas, esse mesmo senso crítico deve estar presente dentro da Igreja com o intuito de limpar a sujeira que existe no seu interior. Diante de todo esse emaranhado como fica ou como poderá ser trabalhada a catequese de adultos? Para responder esse questionamento, Léger (2008, p.34) afirma que:

O que é especificamente “moderno” não é o fato de os homens ora se atermem ora abandonarem a religião, mas é o fato de que a pretensão que a religião tem de reger a sociedade inteira e governar toda a vida de cada indivíduo foi-se tornando ilegítima, mesmo aos olhos dos crentes mais convictos e mais fiéis. Nas sociedades modernas, a crença e a participação religiosa são “assuntos de opção pessoal”: são assuntos particulares, que dependem da consciência individual e que nenhuma instituição religiosa ou política podem impor a quem quer que seja.

Hoje, fala-se da ‘bricolagem’ das crenças. O que vem a ser essa novidade no universo religioso? Léger (2008, p. 41) levanta a seguinte constatação: “Diferentemente daquilo que nos dizem, não é a indiferença com relação à crença que caracteriza nossas sociedades. É o fato de que a crença escapa totalmente ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas”.

A catequese hoje tem muitas possibilidades que favorecem desenvolver um trabalho com eficácia. Além de material escrito existem vários instrumentos modernos que permitem trabalhar com o som ou imagens. Temas atuais, ótimos, para serem refletidos. Destacam-se aqui três que estão despontando com muita força na reflexão teológica: Secularização, Mundialização e Pluralismo Religioso. Sobre secularização Panasiewicz (2007, p.114) apresenta esta argumentação:

A secularização carrega consigo uma função ideológica que Geffré apresenta recuperando a teoria de Berger. Este propõe um sentido objetivo e um sentido subjetivo para a secularização. No sentido objetivo, a secularização tanto representa a libertação da sociedade civil em relação ao domínio da autoridade eclesiástica quanto apresenta um retraimento das manifestações religiosas nos espaços culturais. A religião deixa de ser única ou, pelo menos, a grande motivadora das construções culturais e, até mesmo, por exemplo, da estipulação dos feriados na elaboração dos calendários civis.

Quanto à mundialização existem muitas concepções sobre a mesma. No momento, fala-se muito em uma mundialização planetária. Panasiewicz (2007, p. 111) é da seguinte opinião:

O processo de mundialização, para Geffré, coincide com a era planetária que, por sua vez, incide com a busca do diálogo inter-religioso. A mundialização, por um lado, testemunha a favor da unidade do espírito humano e pela solidariedade e desenvolvimento entre os povos. Por outro lado, carrega o motor escondido do fenômeno da globalização. Este gera desenraizamento cultural, risco de alienação e de desumanização e miséria, buscando a uniformização das identidades antropológicas, culturais e religiosas. “A aldeia global tende a se tornar um mercado global onde a necessidade do lucro máximo decide aquilo que deve ser produzido, onde e por quem”. Nesse mercado, as pessoas são percebidas não como seres humanos, mas como consumidores em potencial. O que passa a ser universalizado são padrões de consumo, valores materiais, noções de estética, de prazer e de maneira de como ter um belo corpo.

O pluralismo religioso está no auge dos debates e reflexões teológicas. E o questionamento a ser apresentado parte desta interrogação: onde está a causa de uma variedade tão grande de religiões, movimentos, grupos religiosos e seitas? Para enriquecer a compreensão sobre pluralismo religioso veja o que diz Panasiewicz(2007, p.114):

Geffré tem uma maneira peculiar de pensar o pluralismo religioso atual. Para ele, este é um novo paradigma para a reflexão teológica, tanto cristã quanto

de qualquer tradição religiosa, pois propõe às tradições que reinterpretem a sua teologia sob uma nova luz. Esse pluralismo religioso tem feito, de forma particular, a teologia cristã repensar Jesus Cristo, a Igreja, a salvação e a missão. Ou seja, os grandes tratados teológicos estão sendo influenciados por este novo contexto histórico, que, para Geffré, é “um novo paradigma teológico”.

Mediante essa significativa reflexão a Igreja tem a missão de procurar desenvolver a catequese de adultos. É uma tarefa árdua e muito exigente. Mas está evidente, enquanto a Igreja continuar investindo na catequese de crianças e adolescentes e não priorizar a catequese de adultos vai continuar a deparar-se com as próprias limitações.

2 A Catequese de Adultos na Realidade Brasileira

O valor da catequese como base da evangelização é indiscutível. No Brasil, desde o início faltou uma maior consistência para essa base. Não havia pessoas preparadas para serem catequistas. Os pais desenvolveram dentro de suas possibilidades a missão de catequistas. Percebe-se também uma grande escassez no horizonte da cultura. Eram poucas as pessoas que sabiam ler e escrever. Com isso acabava ficando sobre a responsabilidade dos pais, os primeiros passos dos filhos na caminhada catequética. Sobre esse assunto, Azzi (1999, p.15) acentua:

Assim sendo, a catequese pode ser designada como doméstica, comunitária, paroquial e missionária. A fé é transmitida, em primeiro lugar, de forma muito mais ampla, através dos leigos, e só num segundo momento, e de forma bem mais restrita, através dos clérigos: esse é um dos pontos principais a se ter presente no estudo desse período. Ao mesmo tempo essa crença é ensinada muito mais por via oral, símbolos, imagens e ritos do que através de livros.

Procurava-se ao longo do ano acentuar os momentos litúrgicos mais importantes, como por exemplo: o Advento, Natal, festa de Reis, Quaresma, Semana Santa, Páscoa, a festa do Divino, festa dos Padroeiros e Cristo Rei. Esses momentos eram vivenciados com muita intensidade. Era uma verdadeira catequese devocional.

Azzi (1999, p. 20) salienta que: “Na Sexta-feira Santa reinava um clima de luto: não havia barulho nem movimento na cidade. As pessoas se envolviam com o drama da Paixão. Pregadores de fama eram convidados para os sermões da ocasião”.

Percebe-se que nesta época a Igreja estava muito fragilizada e era submetida às ordens da Coroa. Para facilitar a compreensão veja o que diz Azzi (1999, p.23) a esse respeito: “Em termos oficiais, a manutenção da fé católica, tanto no período colonial como imperial, era da competência dos monarcas, em razão dos direitos de padroado a eles conferidos pela Santa Sé”.

É importante destacar que no século XVI, os missionários usavam uma metodologia assustadora, dando ênfase à palavra ‘conversão’. O objetivo era converter todos através de uma pregação que impunha medo. Enquanto existisse um único pecador que resistisse a conversão, os missionários pregavam enfocando o problema do mal, do demônio e do inferno.

Foi dentro desse contexto que tentaram implantar a catequese de adultos em terras brasileiras. Os indígenas foram às primeiras vítimas. Segundo Azzi (1999, p.27) devemos observar o que pensavam sobre os povos da América:

[...] estavam desviados do reto caminho, ou seja, fora da rota da verdadeira fé. Era necessário, portanto, afastá-los da vida do mal e da perdição, a fim de convertê-los, isto é, trazê-los para a senda do bem e da verdade. Dessa forma, as populações indígenas não eram vistas como carentes da fé, mas imbuídos de uma concepção de mundo que devia ser abandonada porque pernicioso, devendo ser substituída por uma nova interpretação da realidade oferecida pela fé católica.

Os indígenas viviam em contato permanente com a natureza. Eles sentiam-se parte da mesma. Por isso, a viam como sua própria mãe. Era uma ligação intimamente profunda. Isso preocupava os europeus a ponto de deixá-los indignados. Discorrendo sobre esse pensamento Azzi (1999, p.28) fala sobre os indígenas:

Assim como uma criança recém-nascida procura repetidamente o corpo da mãe, buscando segurança, alimento e repouso, também a nascente cultura indígena, consciente de sua fragilidade, buscava apoio nessa mesma mãe-terra da qual se destacava.

Os europeus e de maneira mais acirrada os missionários, viam as atitudes dos indígenas como se fosse um grande mal ou pecado. Azzi (1999, p.28) fala da concepção dos missionários a respeito dos indígenas:

[...] representava uma forma de animalidade que, de modo algum, era condizente com a natureza espiritual do homem. Por essa razão, era

necessário transformar esses seres animalizados em humanos para que pudessem receber a mensagem divina.

Analisando essa maneira medíocre de pensar e impor a sua religiosidade fica evidente o fracasso da primeira catequese de adultos na realidade brasileira. O mesmo ocorreu com os escravos trazidos da África. No dizer de Passos (1999, p.33): “A catequese brasileira é o resultado de uma história complexa. Comporta um cruzamento de sombras e luzes”.

Como o Concílio Vaticano II foi o divisor das águas no sentido da renovação da Igreja; esperava-se que ele pudesse não apenas destacar o valor da catequese, mas adentrando um pouco mais, e dedicasse um documento exclusivamente a catequese. O que não aconteceu, o Concílio, porém, justificou-se dizendo que a catequese é como uma seiva que perpassa por todos os documentos, inclusive pela evangelização. Assim sendo, não havia necessidade de um documento exclusivamente para a catequese. Sobre esse assunto Oliveira (1999, p.61) salienta que:

Se, entretanto quisermos recolher dos diversos documentos conciliares todos os tópicos que explicitamente se referem à catequese, com surpresa nos encontraríamos diante de uma verdadeira súpula catequética, uma espécie de “Diretório Catequético Conciliar”.

No Brasil, a Igreja pós-conciliar começa a redimensionar o seu rumo. Era um tempo de renovação no interior da Igreja e havia muito entusiasmo.

No dizer de Oliveira (1999, p. 64-65) o Concílio aponta três novidades significativas: “A nova visão de Igreja e de homem revelada pelo Vaticano II, bem como a redescoberta da Palavra de Deus, não apenas enriqueceram a tipologia da catequese, como deram também nova fisionomia à figura do agente de catequese [...]”.

Constata-se que depois de um longo tempo de dormência, a Igreja acorda para o mundo, para a realidade. Começam a nascer as pastorais e os movimentos. É realmente um tempo de gestação. Vários documentos de peso foram pensados e escritos.

Oliveira (1999, p.66) diz que: “A primeira resposta da Igreja no Brasil ao Vaticano II foi o Plano de Pastoral de Conjunto (PPC) que a CNBB elaborou e aprovou para a vigência de 1966 a 1970”. O objetivo do PPC era expandir o trabalho da catequese. Fazendo com que ela pudesse chegar às comunidades de base, as escolas, aos movimentos e grupos de leigos atingindo todas as faixas etárias.

Não é novidade dizer que no Brasil, até o presente momento, a Igreja esteve com suas atenções voltadas para a catequese de crianças. Falta compreender, que se não tiver adultos bem preparados, a catequese continuará com as suas deficiências. Portanto, a catequese de adultos é uma prioridade. Não se entende que ela seja um período de tempo ou vida. Mas é algo permanente. Mesmo quem já recebeu os sacramentos necessita de catequese. O aprendizado não se esgota, ele vai até o fim da vida.

3 As Características da Catequese de Adultos

O que realmente deve caracterizar a catequese de adultos? Supõe-se em primeiro lugar, que o adulto que manifesta interesse pela catequese seja uma pessoa consciente. Isso significa que ela está buscando algo para a vida e não apenas para um momento. E aqui, recorda-se o catecumenato nas primeiras comunidades cristãs. Aqueles que faziam opção pelo Cristianismo eram pessoas convertidas, mas num processo de crescimento e amadurecimento da fé. Dando maior ênfase a essa colocação o documento da CNBB (2009, p.157) esclarece:

O adulto que precisa de catequese não é só aquele que não a recebeu em outras faixas etárias. Todos precisam continuar progredindo na fé e no conhecimento do Senhor: “Sempre mais se impõe uma educação permanente da fé que acompanhe o ser humano por toda a vida e se integre em seu crescimento global” (CR 129).

O Concílio Vaticano II promulgou que a Igreja são todos os batizados. Aquela concepção de que a Igreja era o papa, os bispos, os padres, os religiosos (as), agora mudou completamente. Os leigos começam a assumir tarefas importantes dentro da Igreja, receber ministérios e a fazer coisas que antes só competia aos clérigos. A contribuição da catequese de adultos na qualificação desses leigos é fundamental. As características no documento da CNBB (2009, p.159-160) são:

a) reforçar a opção pessoal por Jesus Cristo; b) promover uma sólida formação dos leigos, levando em consideração o amadurecimento da vida no Espírito do Cristo Ressuscitado; c) estimular e educar para a prática da caridade, na solidariedade e na transformação da realidade, julgando com objetividade e à luz da fé as mudanças socioculturais da sociedade; d) ajudar a viver a vida da graça, alimentada pelos sacramentos; e) formar cada pessoa para cumprir os deveres do próprio estado de vida, buscando a santidade; f) dar resposta às dúvidas religiosas e morais de hoje; g) desenvolver os fundamentos da fé, que permitam dar razão da esperança; h) educar para

viver em comunidade e assumir responsabilidades na missão da Igreja, dando testemunho cristão na sociedade; i) educar para o diálogo ecumênico e inter-religioso, como instrumentos para a busca da unidade cristã e da paz entre os filhos de Deus; j) ajudar na animação missionária além fronteira.

Uma das qualidades da catequese de adultos é ser acolhedora. Ser capaz de abrir-se para o novo. Ir ao encontro e interessar-se por aqueles que pertenciam a outras religiões e pedem a admissão na Igreja Católica. Isto é, oferecer oportunidades para que esse cristão se reencontre com Jesus Cristo e viva em comunhão com a Igreja.

Sobre o Rito de Admissão, o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA) dá a seguinte orientação: “Para a admissão na plena comunhão da Igreja católica de uma pessoa já batizada, requer-se sua preparação doutrinária e espiritual de acordo com as necessidades pastorais, acomodadas a cada caso” (2007, p. 284).

Outra característica que a catequese de adultos deve ter é a preocupação com os idosos. Vive-se no mundo do descartável e muito facilmente as pessoas idosas são deixadas de lado. A Igreja perde muito com isso. Os idosos acumulam experiências são mais disponíveis e estão em busca de algo para fazer. Eles querem sentir-se úteis e valorizados. Como menciona o documento da CNBB (2009, p.161): “São pessoas que merecem uma catequese adequada. Possuem os mesmos direitos e deveres dos demais cristãos”.

E finalmente uma das características que deve fazer parte da reflexão da catequese de adultos, no início desse novo milênio, é a preocupação com a ecologia. E o questionamento principal é esse: como se relacionar com a natureza e com o mundo a nossa casa comum? Hoje quando se depara com a ideologia capitalista, onde a busca pelo lucro está estampada na fisionomia da ganância e a pretensão de produzir sempre mais, conclui-se que a situação é caótica e desoladora.

Para que possa encontrar uma solução ou maneira de preservação do Planeta, Roque Junges (2001, p.8) aponta este caminho: “Deve acontecer uma conversão ecológica pela qual o ser humano deixe de se autocompreender como indivíduo separado, para se ver como parte de um conjunto de inter-relações naturais e sociais”.

Pontualizando as características da catequese de adultos, descobre-se uma vasta tarefa a ser desenvolvida. Não é algo irrealizável, mas possível. É urgente que se pense um projeto global e a população mundial abrace-o com determinação e amor.

4 A Formação da Família

Destaca-se hoje a grande crise das instituições. E fala-se no fenômeno da “desinstitucionalização”. As instituições que mais sofreram na virada do século passado e início deste foram: família, Igreja e escola. E dentre as três a família foi a mais prejudicada. Como a família é o berço acolhedor por excelência, constrói-se ali a base da vida, tudo caiu sobre ela. O peso foi tanto que comprometeu a sua estrutura.

Restam poucas famílias bem estruturadas que conseguiram sobreviver a avalanche. No geral, percebe-se uma fragmentação desmedida. Até mesmo nas celebrações onde estavam presentes: pai, mãe e filhos, hoje quando muito estão marido e mulher. Em muitos lugares não se vê mais crianças nas igrejas. A família está dispersa e mergulhada em um ativismo desenfreado. Dentro dos lares há uma tendência muito forte para o individualismo. As refeições não acontecem mais naquela hora marcada. Era de fato um momento sagrado. Toda a família colocava-se em torno da mesa para um momento de oração. Em seguida todos podiam comer. Naquele encontro partilhavam não só os alimentos, mas também a própria vida, sonhos, os projetos e as inquietudes de cada um. Acontecia um bonito diálogo entre pais e filhos.

Os tempos mudaram, hoje cada um come em horário diferente. Senta-se em frente a televisão e vai se alimentando de comida e de ideologias de consumo. Outros comem no quarto trabalhando no computador. E assim cada um vai levando a sua vida num ritmo acelerado e sem precauções.

Sobre a família na atualidade o documento da CNBB (2009, p.162) faz a presente observação: “O contexto atual marcado por mudanças culturais, perda de valores e crise de paradigmas, atinge de maneira mais direta os jovens, adolescentes e crianças”.

Fazendo uma retrospectiva da caminhada catequética em terras brasileiras, verifica-se que a prioridade limitou-se à infância. Constata-se também uma falta de organização. Os pais não são envolvidos e nem exigidos. Por isso poucos procuram acompanhar a caminhada dos filhos na catequese. Muitas crianças são obrigadas a frequentar a catequese, mas os próprios pais são um contratestemunho. Para aprofundar essa reflexão o documento da CNBB (2009, p.162-163) salienta que:

Não se pode imaginar uma catequese com jovens, adolescentes e crianças sem um trabalho específico com os pais. “A catequese familiar é de certo modo insubstituível, antes de tudo, pelo ambiente positivo e acolhedor, persuasivo pelo exemplo dos adultos e pela primeira explícita sensibilização e prática da fé” (DGC 178). Enquanto a família não for capaz de contribuir para isso, o catequista e a comunidade têm uma tarefa ainda mais delicada e urgente, a ser desenvolvida com sensibilidade e carinho.

A família é o lugar privilegiado do amor e da fraternidade. Nela se realiza a vida de amor do ser humano, homem e mulher, criados à imagem e semelhança de Deus. No entanto, a experiência tem mostrado que em muitos lares, em vez de paz, amor, realizações, reina um ambiente conturbado. E quais são as razões que induzem a este estado?

A mídia passa em grande parte a ditar as regras do jogo. Outrora mais preocupada em divulgar a cultura, hoje centrada, principalmente, em vender, o consumismo desenfreado. Tudo torna-se descartável, inclusive as pessoas. A televisão ‘mostra’ e ‘ensina’ como viver. Ela está instalada nas residências, infiltrada nos lares e muitas vezes consegue atrair toda a atenção para si. Outro fator, comum hoje é que na mesma família existem filhos de dois ou três pais ou mães. Algo nem sempre harmônico. Por aí já existem vários fatores que contribuem para a falta de unidade. Como na pastoral catequética trabalhar esta dimensão? Em seguida vem o problema do desemprego. Outros são afetados pela dependência química ou o alcoolismo. São esses e outros problemas que levam ao esfacelamento da família. Mas nem tudo está perdido é preciso olhar para frente com esperança e otimismo. O próprio Jesus Cristo, em um determinado momento disse: “A messe é grande e os trabalhadores são poucos; pedi ao dono da messe que envie operários à sua messe” (Lc 10,2).

Mesmo com toda essa problemática que contribuiu para a desestruturação familiar, ela continua sendo o foco principal e eficaz para o trabalho catequético. A Igreja precisa ser mais criativa e desenvolver meios que possam cativar a família e despertá-la para o compromisso cristão. Os jovens estão distantes dos pais. Muitos têm vergonha de andar com os pais. Tudo isso é fruto de uma ideologia passada pelos meios de comunicação. Quem é valorizado na sociedade atual? São os jovens bonitos exibindo um corpo perfeito. A beleza estética está no auge. Tudo se volta para o externo. Tem que chamar a atenção.

Por isso a meta é provocar, é aguçar a imaginação. E pessoas idosas não chamam a atenção. São descartáveis, esquecidas e colocadas à margem. É urgente trabalhar a reaproximação de pais e filhos. Faz-se necessário pensar meios de reintegração. Só assim teremos novamente famílias sadias e unidas. E conseqüentemente haverá um resgate dos valores cristãos. Apresentam-se segundo o documento da CNBB (2009, p.93-94) alguns contravalores que contribuíram para a desestruturação da família:

Forças sociais secularizadas, a influência dos meios de comunicação, do relativismo religioso, da migração, da urbanização, das condições sociais, econômicas e culturais agridem as pilastras da família cristã: amor,

fidelidade, fé, sacrifício, dedicação, indissolubilidade, geração e formação de novas vidas. A estrutura da estabilidade e da fidelidade da família está abalada, em decorrência da perda do sentido do amor, pela facilidade com que a lei favorece as separações e novas uniões, pela crise social e tantos outros fatores. Tornou-se também vítima da violência, da droga, do sexo desenfreado, do lucro, dos modelos econômicos injustos... As separações, aprovadas por conflitos, desorientam afetivamente os filhos. Há novos padrões sociais para a sexualidade e a família, muito diferentes dos ensinados pela Igreja. É crescente o número de famílias sob responsabilidade apenas da mãe ou de um parente.

Todo esse panorama apresentado vem dificultando a formação catequética nas famílias. A sobrecarga negativa trás uma influência significativa num sentido destrutivo. Pergunta-se em meio a esse mundo desordenado e perverso, qual é o futuro da família? Ainda acredita-se numa possível reestruturação da família? Que formação humana afetiva e cristã a família está recebendo? Não adianta ficar chorando o leite derramado.

O momento é crítico e exige atitude. A Igreja está preocupada em preparar a família para enfrentar esse mundo de tantas opções? Oxalá a sua maior preocupação não seja a perda de fiéis. Aliás, fiéis não se perde são fiéis. Agora é evidente que o estrago está estampado no rosto do mundo. E não adianta querer concertar tudo de uma hora para outra. Trata-se de um planejamento a longo prazo. Isso exige investimento, tempo, dedicação e perseverança. Uma formação consistente que envolva todos os membros da família poderá ser o caminho. Faz-se necessário mergulhar de cabeça e buscar novos horizontes que permitam sonhar com a realização da família.

5 Novos Caminhos para a Catequese de Adultos

A catequese de adultos tem as suas bases no Novo Testamento, mais precisamente no evangelho de São Marcos e Atos dos Apóstolos. Foi o catecumenato existente nas primeiras comunidades. Ao longo desses quase dois mil anos, ela perdeu muito de sua originalidade. De três anos de catecumenato passou-se para dois, um e em alguns lugares, faz-se apenas alguns encontros.

Com isso, não só a sua originalidade, mas também à profundidade ficou comprometida. Muitos recebem os sacramentos apenas por tradição. O ato tornou-se uma formalidade. Não há uma convicção, uma fé comprometedora. Fica-se cristão para não morrer pagão. Porém, não se encontra um embasamento que mostre as razões convincentes para a

opção pelo catolicismo. São poucos os católicos bem preparados que realmente sentem orgulho de praticar a sua religião.

Interroga-se diante dessa realidade, de quem é a culpa? Certamente que não é só dos fiéis ou só da Igreja. Mas a Igreja, como mãe e responsável de cuidar de seus filhos, têm a maior parcela de culpa. Não adianta passar a mão na cabeça e distribuir sacramentos como se fosse uma coisa qualquer. Nota-se certo cansaço nas lideranças que trabalham com catequese de adultos. Até mesmo o termo ‘Catequese de Adultos’ parece estar um tanto desgastado. Para focalizar melhor essa compreensão Antoniazzi (1999, p.201-202) faz a seguinte observação:

[...] muitas iniciativas foram tomadas, em contextos diversos, e a reflexão teórica e a experiência prática de “catequese de adultos” fizeram grandes progressos. Mesmo assim, persistem muitos questionamentos: desde o nome de “catequese”, que muitos gostariam de abandonar, porque o consideram indissolúvelmente ligado à infância, até a incessante discussão sobre as novas exigências dos adultos e as mudanças socioculturais, que demandam uma permanente atualização da formação cristã dos adultos.

A Igreja deve seguir o exemplo do Mestre, Jesus Cristo. Ele sabia conciliar muito bem a teoria à prática. A catequese hoje é muito teórica e pobre de conteúdo. E não é por falta de material. O problema é o material humano. O conhecimento bíblico e teológico fica muito aquém do necessário. Não se usa uma metodologia que dê dinamismo e vida a catequese de adultos. Para que se possa avançar e sair de vez desse marasmo, necessita-se de investimento tanto material como na formação específica de catequistas de adultos.

A catequese só será assimilada quando se consegue passar da teoria à prática. E existem muitas maneiras de trabalhar essa prática. Aqui entra a criatividade do catequista. E quanto mais pobre for a comunidade, mais amplos serão os campos de trabalho. Nas periferias existem pobres, mendigos, catadores de material reciclável, doentes, pessoas idosas, crianças abandonadas, asilos, presídios, dependentes químicos, alcoólatras, etc. São muitas as opções para que se possa desenvolver um belíssimo trabalho.

O que falta é iniciativas, projetos viáveis e apoio da Igreja. Se não colocar a mão na massa nada acontece. Não basta o padre e as lideranças de frente elaborar bonitos projetos. Estar junto para a concretização dos mesmos é o que faz a diferença. Não precisa fazer grandes coisas, mas o envolvimento dos catequizandos adultos em alguma atividade fora da catequese sistemática é importante.

O fundamental é levar os catequizandos a compreender que catequese não é aula. Que eles não estão se preparando para um momento ou formatura, mas para a vida. Quando entenderem que a catequese perpassa por todas as fases da vida e que mesmo o maior praticante da religião necessita de catequese, aí está dado um passo brilhante e a possibilidade de vir a ser um bom cristão. Para ser um bom cristão é preciso ser discípulo e missionário de Jesus Cristo. O Documento de Aparecida (2007, p.25) fortalece essa ideia dizendo:

Por isso, nós, como discípulos e missionários de Jesus, queremos e devemos proclamar o Evangelho, que é o próprio Cristo. Anunciamos a nossos povos que Deus nos ama, que sua existência não é ameaça para o homem, que Ele está perto com o poder salvador e libertador de seu Reino, que Ele nos acompanha na tribulação, que alenta incessantemente nossa esperança em meio a todas as provas. Os cristãos somos portadores de boas novas para a humanidade, não profetas de desventuras.

Conclui-se que os caminhos são vários e estão abertos. Basta estar atento e querer realmente encontrar saídas. Não adianta esperar que elas caiam prontas de céu. Alargar os horizontes e pensar conjuntamente pode ser um bom começo. Ousar ir além, buscando concretizar sonhos pode ser o começo de uma realidade.

Considerações Finais

A formação catequética não se restringe a uma etapa ou período da vida. É uma caminhada gradativa, mas permanente. Isso significa até o fim da vida. Por quê? Porque não existe alguém que saiba tudo sobre a Palavra de Deus. E ainda que existisse, faltaria o essencial, que seria colocá-la em prática. Por isso, catequistas que não participam dos momentos de formação, não podem ser catequistas.

O que dá a entender mediante a atitude de certos catequistas é que dar catequese é fazer um favor para a Igreja. E não é isso, mas, antes de tudo, é um ministério. E ministério dentro da Igreja é serviço, doação, feito com amor. Para dar mais ênfase nesta perspectiva, recorda-se o que disse Jesus: “Pois este Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida como resgate por todos” (Mc 10,45).

O catequista precisa ter clareza sobre a finalidade da catequese. Focalizar o perfil da mesma e construir metas objetivas e possíveis de serem alcançadas. Sobre a finalidade da catequese, o documento da CNBB (2009, p.57) dá a seguinte definição:

A finalidade da catequese é aprofundar o primeiro anúncio do Evangelho: levar o catequizando a conhecer, acolher, celebrar e vivenciar o mistério de Deus, manifestado em Jesus Cristo, que nos revela o Pai e nos envia o Espírito Santo. Conduz à entrega do coração a Deus, à comunhão com a Igreja, corpo de Cristo (cf. DGC 80-81; Catecismo 426-429), e à participação em sua missão.

Hoje, independentemente da profissão, a exigência do mercado é que o trabalhador esteja sempre atualizado. Quem oferece melhor qualidade sempre vai ter a preferência. Nos trabalhos da Igreja, torna-se também, inconcebível um catequista ou qualquer outro agente de pastoral que não se atualize.

Para adentrar um pouco mais neste pensamento, o documento da CNBB (2009, p.199-200) salienta que:

O momento histórico em que vivemos, com seus valores e contravalores, desafios e mudanças, exige dos evangelizadores preparo, qualificação e atualização. Nesse contexto, a formação catequética de homens e mulheres “é prioridade absoluta” (DGC 234). Os recentes documentos da Igreja estimulam a formação inicial e permanente dos seus agentes: “Qualquer atividade pastoral que não conte, para a sua realização, com pessoas realmente formadas e preparadas coloca em risco a sua qualidade” (DGC 234; cf. CDC 773 a 780).

O catequista não pode contentar-se em viver na superfície. Ele deve inspirar-se no que disse Jesus Cristo: “Rema lago adentro e joga as redes para a pesca” (Lc 5,4). Portanto, ter inquietudes e sonhos faz parte da vida do catequista. E com certeza, serão essas motivações que o impulsionarão para a formação. Estar sempre com sede deve ser a sua característica principal. Sede de beber na fonte inesgotável que é a Palavra de Deus. E sede de transmitir com fé, convicção e sabedoria aquilo que é necessário para que se possa ser um bom cristão. O aprender não ocupa espaço. E a somatória de aprendizados pode ser um instrumento eficaz para quem trabalha na evangelização.

Como embasamento, o documento da CNBB (2009, p.202-203) aponta os critérios para uma adequada formação:

Critérios são pressupostos que devem ser levados em conta na formação. Ninguém nasce pronto. Cada ser humano vai adquirindo experiência no processo de crescimento. É o princípio aprender-fazendo. A formação catequética é um longo caminho a ser percorrido, através de conhecimentos, de práticas iluminadas pela reflexão bíblico-teológica e metodológica.

Requer sintonia com o tempo atual e com a situação da comunidade. Assim, fiéis a Deus, à Igreja e à pessoa humana, os catequistas evangelizam a partir da vida, anunciando o mistério de Jesus (cf. CR 78-81).

A catequese de adultos é diferenciada, não pode ser trabalhada como se fosse para crianças ou adolescentes. Ela exige uma trajetória própria. Mesmo assim, percebe-se que ela continua muito vinculada a catequese infantil. Interroga-se, portanto, o que acontece que ela não consegue fazer o seu próprio caminho, a sua história? A dificuldade está na formação. Catequistas de adultos tem que receber uma formação específica, direcionada. Enquanto isso não acontecer, não haverá crescimento nesta dimensão. É importante que se imprima um rosto novo para a catequese de adultos. Que tenha profundidade, conhecimento bíblico, teológico e humano-afetivo. A percepção que se tem é que a catequese de adultos ainda não encontrou o seu espaço dentro da Igreja. Antoniazzi (1999, p.201) comenta essa questão:

A catequese de adultos é uma questão ainda não resolvida na Igreja Católica, mas que tem feito grandes avanços nas últimas décadas, especialmente após o Concílio Vaticano II (1962-65) e o Diretório Geral da Catequese (1971). Este afirma que a “catequese de adultos deve ser considerada como a forma principal da catequese à qual todas as demais, de algum modo, estão ordenadas”.

A catequese de adultos vai além do primeiro anúncio do Evangelho. Ela é uma preparação para o seguimento de Jesus Cristo. Ser discípulo e missionário é o compromisso de todo batizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONIAZZI, Alberto. A Catequese de Adultos: luzes e sombras e desafios. In. PASSOS, Mauro (Org.). **Uma História no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 201-208.

AZZI, Riolando . Os Primórdios da Catequese: arranjos do período Colonial e Imperial. In: PASSOS, Mauro (Org.). **Uma História no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 15-32.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretório Nacional de Catequese**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Estudos da CNBB 84).

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.

JUNGES, José Roque. **Ecologia e criação**. São Paulo: Loyola, 2001.

LÉGER, Danièle Hervieu. **O Peregrino e o convertido**. Petrópolis: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Ralfy Mendes de. O Movimento Catequético Brasileiro Saindo das Sombras: o impulso do Vaticano II. In: PASSOS, Mauro (Org.). **Uma História no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 61-114.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Pluralismo religioso contemporâneo**. São Paulo: Paulinas, 2007.

PASSOS, Mauro (Org.). Os Contornos Históricos do Movimento Catequético: a invenção dos catecismos. In: _____. **Uma História no plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 33-60.

RITUAL DA INICIAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

Recebido: 30/01/2012

Received: 01/30/2012

Aprovado: 08/05/2012

Approved: 05/08/2012